

Fichamento 5 - Capítulo 5 - Matheus Luz

Referência: SANTOS, Rosa Maria Rodrigues. De café e de leite... . In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (orgs.). **Psicologia Social do Racismo:** Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 1.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

- O capítulo relata questões referentes às trajetórias de uma criança, chamada de L., e as marcas evidentes nos seus sintomas de conflitos relacionados com sua origem étnica e a interferência que atua na sua subjetivação e constituição da identidade (p. 121).
- A experiência se deu através de um estágio de nove meses realizado no Hospital Dia Infantil em Saúde Mental da Prefeitura de São Paulo, com duração de 4 horas práticas (p. 121).
- O pressuposto a priori do estágio é um contato próximo com as crianças, livre do olhar de patologização da realidade. Apesar da realidade do hospital apresentar inúmeras crianças em intenso sofrimento psíquico (p.121).
- A equipe profissional da instituição prioriza um tratamento não medicamentoso, considerando cada criança como um sujeito (p. 121).
- Essa postura adotada pela instituição, estava além apenas de uma forma de tratamento e expressa também um posicionamento ético, político e teórico de luta pelo tratamento de pessoas em sofrimento psíquico, preservando a condição humana de direitos (p. 122).
- O trabalho a ser desenvolvido ao público infantil consistia em “auxiliar em aspectos da formação de sujeitos de um modo lúdico”. Logo, as atividades desenvolvidas visavam esse objetivo, através de oficinas em grupos, buscando promover fora do setting terapêuticos promotores de desenvolvimento (p.122).
- L., tinha nove anos, era miúda, com rosto delicado, cabelos encaracolados, e uma cor de pele que não permitia a negação de sua cor negra. L. porém, autodefinia-se como loira (p. 123).

- L. era filha de mãe negra e pai loiro. A história do relacionamento dos pais é marcada pela expulsão da mãe da casa dos pais, quando estes descobriram a gravidez e, do abandono do pai de L. durante a gestação (p. 123).
- Após o nascimento de L., os pais se uniram novamente, porém o convívio foi marcado por acontecimentos conturbados, como tentativas de homicídio por parte do pai contra a mãe. O casal se separa e o pai de L. se une a uma mulher loira, assim como ele (p.123).
- Do ponto de vista clínico e psicanalítico, do qual se embasa o texto, a criança sofreu traumas em seu desenvolvimento psicoafetivo, se situando na fronteira entre neurose e psicose (p. 123).
- A chegada da autora do texto como estagiária na unidade era bastante esperada, pelo fato dela também ser uma mulher negra e desenvolver seu trabalho em contato frequente com L. (p. 123).
- O primeiro contato da autora com L. é marcado pela desconfiança e pelo incômodo, Santos explica isso a negritude negada por L. sendo vista agora em Santos (p. 123).
- Na oficina de arte que Santos participou, L. pediu então que ela a desenhasse. Santos desenhou o rosto de uma garotinha negra, respeitando as devidas cores. L. de forma imperiosa diz para Santos que ela era loira, a estagiária então tenta explicar as diferenças entre as cores do giz de cera amarelo e da cor de seu cabelo, L. porém respondeu com tom de questionamento que era loira (p. 124).
- L. exigia que fosse chamada de Fedora, apelido atribuído após dinâmica da oficina de arte. L. sempre se mostrava mais “mandona” quando era chamada pelo apelido (p.124).
- Em uma atividade desenvolvida na oficina de arte, L. apresentou temas relacionados a sua sexualidade, desenhou “xoxotas” das quais a sua era branca e das outras meninas negras do hospital eram pretas, apresentando desigualdades entre as das outras meninas e a dela. L. pediu então que Santos desenhasse seu bumbum, ela o desenhou na cor marrom. L. completou o desenho com seu tronco, pernas, e todo o restante do corpo finalizando com cabelos loiros. Então L. pediu para que fizesse cocô saindo do bumbum, mas Santos direcionou para que L. realizasse o desenho, L. o fez com a mesma cor de seu corpo e fazendo menção ao mal cheiro que dele saía (p. 125).

- A ligação entre a sua cor e a cor do “cocô” demonstrou para Santos uma relação de como L. poderia enxergar sua própria negritude como uma “menina-cocô”. Essas conexões feitas se tornam coerentes quando se analisa diversas piadas de cunho racista (p.125).
- Possivelmente essa forma de se ver como “menina-cocô” expressa também a forma como a mãe de L. se enxerga enquanto mulher negra, escolhendo um homem “limpo”, branco para se relacionar (p. 125).
- Santos faz uma atribuição psicanalítica ao desejo materno da mãe de ser loira sendo atribuído a L. inconscientemente (p. 126).
- A afirmação de L. em ser loira pode revelar um pedido dela para que seja nomeada essa parte dela que é negada: seus pertencimentos e sua origem étnicos-raciais. Ou seja, L. filha de pai branco e mãe negra merece lugar de direito em cada uma das partes em sua condição de mestiça (p. 126).
- É possível perceber um conflito entre um sujeito ausente, que está sendo negado dentro desse discurso familiar e, do outro lado, o apelo desse sujeito para libertar-se (p. 127).
- Santos buscava favorecer em L. uma percepção da sua negritude e da sua beleza, denominando-se como negra (p.128).
- L. foi deixando de se denominar “loira” passando a se denominar “morena clara”, e depois “morena” (p. 128).
- O fato de Santos e L. pertencerem à mesma etnia e apresentarem uma fenotípia próxima foi um importante ponto na construção das mudanças e do processo terapêutico (p. 128).
- Santos ressalta a necessidade de ofertar condições adequadas para o desenvolvimento global da subjetividade, sendo a etnia e suas representações fenotípicas importantes elementos desse trabalho (p. 129).
- L. traz em si força de histórias que a antecederam e as heranças e errâncias dos “de café” e “de leite” (p. 129).